

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 7 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

FORMAS DE EXISTÊNCIA DA EKKLESIA VÉTERO-TESTAMENTÁRIA E REVELAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Forms of existence of the Old-testament Ekklesia and revelation in the New Testament

Me. Martin Gottlob Landenberger¹

RESUMO

Esta pesquisa bíblica tem como objetivo primeiramente apontar e, conseqüentemente, argumentar que a Igreja foi Instituída por Jesus segundo relevantes estipulações no Antigo Testamento, aqui denominadas “formas de existência da *ekklesia*”. Ou seja, a Igreja fez e faz parte do propósito da Primeira Vinda de Cristo ao mundo. A igreja está em sintonia com os propósitos maiores do Reino de Deus, Inaugurado e que será Conduzido por Deus (trino) na Consumação dos séculos.

Palavras-chaves: Israel. Igreja. Promessa e Cumprimento. Escatologia.

¹ O autor é graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Paraná, e pós-graduado em Ministério Pastoral pela Faculdade Batista Pioneira. Possui mestrado livre em Teologia Sistemática pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Contato: martinlandenberger@hotmail.com.

ABSTRACT

This biblical research aims first to point out and. Consequently, to affirm that the Church was established by Jesus according to relevant Old Testament stipulations, here called “existence forms of *ekklesia*”. That is, the Church was and is part of the plan and purpose of Christ’s First Coming to the World. It is in tune with the major objectives of the Kingdom of God (*triune*) in the consummation of the centuries.

Keywords: Israel. Church. Promise and Fulfilment. Eschatology.

INTRODUÇÃO

Paulo afirma, em II Coríntios 5.17, que para o cristão “tudo se fez novo”. Esta metamorfose é evidente na diferença entre a Igreja do Novo Testamento e o povo de Deus da Antiga Aliança. Há intrinsecamente na grandeza eclesiológica neotestamentária um retorno às formas e conteúdo do Antigo Testamento. A Igreja do Novo Testamento está espiritualmente ligado à estirpe de Abraão (Lc 1.73; 19.9; Jo 8.39; At 3.13,25,26; 13.26-32; Rm 4.1ss.; Gl 3.7,8,9,14,16,29; Hb 6.13-20), pois ela reconhece que os primórdios da fé e de sua eleição já se encontram nos patriarcas, em Moisés e nos profetas, segundo o mistério salvífico de Deus. Em Gálatas 3.7, Paulo afirma. “Sabei, então, que os da fé é que são filhos de Abraão”.

Os primeiros cristãos viram o seu precedente histórico na ideia de o povo de Deus reunido do Antigo Testamento em resposta ao chamado direto do Senhor. Em Jesus, o chamado de Deus, que constituiu o seu povo no passado (Gn 12.1ss; Êx 3.1s; Os 11.1s), souo novamente (Mt 11.28ss.; Mc 1.14-20; Jo 7.37). Esse chamado continua através do anúncio do evangelho (At 2.39; II; Ts 2.14; Rm 1.16). Estêvão, fazendo direta citação ao Antigo Testamento, afirma que, na ocasião da peregrinação, Israel era a “sinagoga” (= *ekklesia*) reunida no deserto (At 7.37-39). Notório é que, em Apocalipse 18.20, o Novo Testamento não desiste de mencionar a Igreja como constituída também de “apóstolos”, termo este que jamais se afina com a teoria que separa Igreja do Israel histórico e racial.

1. O POVO DE DEUS

De acordo com a verificação de Hans Bietenhard, cerca de dez vezes Israel é chamado “Povo de Javé”. Existem outras expressões como. Javé, Deus de

Israel (Gn 33.20; Js 8.30; Jz 5.3,5) “Javé nosso Deus” (da boca do povo), “Eu sou Javé vosso Deus” (da boca de Deus). Na chamada de Moisés, Javé diz a respeito de Israel. “Meu povo” (Êx 5.1; 7.16). Moisés fala a Javé em termos semelhantes, dizendo que Israel é “Teu povo” (Êx 5.23). Foi, entretanto, somente quando o estado foi formado que se fez de modo claro a identificação de Israel como povo de Javé (I Sm 9.16-17)²

Com a noção de “povo de Deus” atinge-se o coração da fé israelita. Toda a crença e existência descansa na confissão. “Javé é o povo de Israel e Israel o povo de Javé”. Isto se tomou um *teologúmeno* desde que Israel, por misericordioso chamamento divino, foi levado para fora do Egito e aprendeu a compreender-se como unidade nacional e religiosa (Êx 6.6-8; Dt 7.7-9).

Este é o sentido da missão de Moisés (Êx 6.6s.). Este é, também, o sentido da revelação divina do Sinai (Êx 19.5s). Igualmente é este o sentido da Aliança (Lv 26.9,11,12).³

Javé é o Deus de Israel e Israel é o seu povo, esta é a ideia central que determina os outros escritos do Antigo Testamento e que no Deuteronômio será sistemática e teologicamente desenvolvida (4.6-12), nos salmos será cantada (SI 134) e nas pregações proféticas será revelada e aplicada das mais diversas maneiras.⁴

Israel e Javé estão ligados através da Aliança, que é mais que um tratado, pois significa uma comunidade de vida.⁵

A união recíproca de Javé e seu povo não promana de um processo natural, mas acontece por um ato livre e histórico de Deus. E Ele atua já no alvorecer da história, na eleição dos patriarcas e em todo transcurso histórico de Israel; desde solenes pactos até rupturas, sejam palavras de esperanças, sejam vaticínios cominatórios. A sua história é cheia de fracassos, traição, de queda e infidelidade.

Dessa feita, Israel cai na crise simultaneamente política e religiosa, culminando no duplo cativo. É assim que foi transposto o acento da pregação profética, do presente para o futuro, em que se esperava uma nova

² BIETENHAR, Hans. *Povo*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chowvn. São Paulo: Vida Nova, 1983, vol. 3, p. 621,622.

³ KÜNG, Hans. **A Igreja**. Tradução de Madalena Gerbert e outros. Lisboa: Moraes, 1969, vol. 1, p. 166.

⁴ KÜNG, 1969, vol. 1, p. 167.

⁵ KÜNG, 1969, vol. 1, p. 167.

atuação escatológica da parte de Javé. Quanto maior a apostasia, maior era a esperança em um novo Israel, formado novamente por Deus (Ez 11.19-20; 36.28; 37.23; Jr 7.23; 24.7. 30.22; 32.37-40 e 31) O fim dos tempos restaurará de novo o começo dos tempos. O Senhor terá misericórdia do seu povo, estenderá o seu perdão e os israelitas serão chamados “filhos do Deus vivo” (Os. 1.10), “sacerdotes do Senhor”, “servos do Deus vivo” (Is 61.6). Serão um novo povo com um coração novo e um espírito novo, onde a circuncisão do coração tomará o lugar da circuncisão da carne (Jr 31.31ss; Jl 2.28-32; Jr 4.4,24; cf Dt 30.6).

Hans Küng diz que a expectativa escatológica otimista ultrapassa a estreiteza nacionalista.⁶ Pois, em todos os pensamentos de castigo e destruição dos gentios; surge, simultaneamente, a esperança na graça e salvação para os gentios (p. ex. Zc 2.10; Cf Is 19.21-25; 25.6s; 42.6; 55.4s; 66.18-24). E toda a esperança escatológica culmina na expectativa do Messias, o futuro rei ungido sobre o povo abençoado por Deus. A missão do Messias, o servo de Javé, será de servir para “reconciliação do povo, para luz dos gentios” (Is 42.6; 49.6, passim).

No Novo Testamento, a fé no Senhor Jesus Cristo é o cumprimento dos conceitos aplicados ao povo de Deus do Antigo Testamento. A comunidade de Jesus torna-se consciente de que, pela fé em Jesus, o Messias se constituiu no verdadeiro Israel, o verdadeiro povo de Deus. Com base na rejeição maciça dos judeus da mensagem de Cristo, e através da sua aceitação pela fé, tornava-se claro à comunidade dos discípulos de Jesus que ela era simultaneamente o novo Israel, o novo povo de Deus do fim dos tempos.⁷

No Novo Testamento, Deus pretende em cumprimento da promessa realizada no Antigo Testamento (cf. Am 9.11ss), formar dos gentios (ἔθνη = nações) um povo (*laós*) para o seu nome (At 15.14ss; II Co 6.16; Hb 8.10).

Quando o apóstolo Paulo fala que outrora perseguiu a igreja, apesar de se referir a Igreja da Judeia, ele não segue dizendo a “Igreja de Cristo”, mas em ambas as passagens (I Co 15.9; Gl 1.13) ele fala da Igreja de Deus. Aqui provavelmente, como John Oman sugere, há uma reminiscência do Salmo 74.2, e, portanto, uma apropriação consciente do concerto vétero-testamentário da

⁶ KÜNG, 1969, vol. 1, p. 169.

⁷ KÜNG, 1969, vol. 1, p. 170.

“congregação”, a qual Deus tem adquirido já em outro tempo.⁸

Essa congregação foi comprada por Deus, em função do mistério da Sua eleição. Lothar Coenen aponta que toda a atuação está ligada a Deus e não à qualidade do objeto. Teologicamente, isto significa que o Antigo Testamento, de modo consciente e consistente, se preocupa em evitar a tentação de chamar atenção a importância ou posição da nação em si. Pelo contrário, a atenção deve ser dirigida aos atos livres da graça de Deus.⁹

A igreja que Paulo perseguia, antes de seu encontro com o Senhor, era a Igreja eleita por Deus. Essa Igreja tinha seu embrião na eleição do povo de Israel do Antigo Testamento. Citando Menoud, ele afirma que, no Antigo Testamento, as expressões Igreja de Deus e a Igreja de Israel designavam o povo eleito, na qualidade de portador da aliança de Deus e instrumento humano da história da salvação.¹⁰

O Antigo Testamento usa a expressão *convocação de Javé* para o povo eleito, portanto, constituído pela chamada que Deus dirige. Da mesma forma no Novo Testamento, a Igreja de Jesus Cristo é a assembleia dos crentes constituída pelo chamado de Deus em seu Filho; ela é a igreja de Deus ou a Igreja de Cristo (I Co 1.2, 15.9; II Co 1.1; Rm 16.16; Ef 5.23).

2. AS DOZE TRIBOS

Uma outra forma de existência da *ekklesia* vétero-testamentária está na liga das doze tribos de Israel. Na escolha de Abraão, Javé visava à formação de um povo separado para Ele (Gn 12.1ss.). O Senhor escolheu Israel para fazer a sua santa vontade, para servir ao seu propósito de estabelecer o Seu reino na vida dos homens na terra. Como afirma A. R. Crabtree, isso só poderia acontecer pelos recursos espirituais de Javé na direção da história de Israel bem como das nações.¹¹

Porém, antes de Israel tomar a forma de uma nação, existia e coexistia apenas em forma de uma liga tribal (cf Js 13-17). As tribos em número de doze

⁸ OMAN, John. *Church*. In. HASTINGS, James. **Encyclopaedia of religion and ethics**. 3.ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1953, vol. 3, p. 617-618.

⁹ COENEN, Lothar. *Eleição*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, vol. 2, p. 31.

¹⁰ MENOUD, Ph. H. *Igreja*. In. Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972, p. p178

¹¹ CRABTREE, A. R. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 231. Em Gênesis 32.28 Jacó recebe o epíteto de Israel.

eram unidas pela mesma fé em Javé. Antes de haver um governo central (a partir de Saul), as tribos mantiveram a sua independência e governabilidade sob o ofício dos anciãos (Js 23.2; 24.1ss; cf. Dt 31.28). Esses homens exerceram autoridade moral sobre os filhos de Jacó.

Na época da vida nômade no deserto e durante a ocupação de Canaá, o nome de Israel era dado ao conjunto desse povo constituído pelas doze tribos, as tribos oriundas dos doze filhos de Jacó (Gn 29.31-30.24; 35.16-18; cf. 49.1ss.). Segundo F. Michael, o nome Israel lembra o caráter religioso do laço, que unia estas tribos em culto comum a Javé. O nome Israel nunca foi empregado para designar uma tribo em particular ou a um homem, mas aplica-se apenas ao grupo de tribos, cuja união baseia-se mais no culto comum, do que no sentimento nacional comum ou na realidade política (Jz 5.2,7-11).¹²

O que unia as tribos foi uma fé basicamente comum em Deus que, por sua vez, era comum a todos.¹³ Já o novo nome do pai das doze tribos (Gn 32.24-32) salienta o caráter sagrado da grande família do povo que leva esse nome - Israel. As tribos sabem do laço comum que as une e fazem partilhar mesmo nome. Todas elas juntas reconhecem o mesmo Deus (Js 24.18,21,24), celebram suas festas junto ao mesmo santuário, a Arca da Aliança, que representa a presença de **Javé** entre elas. Eles têm constituição e direito comum (Js 24.25) e reúnem-se para julgar o que não se deve praticar em Israel (Jz 19.30; 20.6,10; cf. Sm 13.12).¹⁴

A partir do momento em que as tribos viriam a ter organização política sob a direção de um rei humano, o caráter religioso do laço, que unia as tribos, tenderia a desaparecer paulatinamente. Por consequência, o sentido do termo Israel tomaria coloração política e até mesmo geográfica. O gérmen da divisão entre as tribos já estava latente quando as tribos do sul (Judá e Simeão) eram deixadas à parte em relação às demais. Débora já não tinha reunido todas as doze tribos de Israel (Jz 4.4ss.); Saul, o primeiro rei, não foi bem sucedido na formação da unidade nacional (I Sm 11.8). Davi foi primeiro nomeado rei de Judá em Hebrom (II Sm 2.1-4) e, somente sete anos depois, ele torna-se rei de

¹² MICHAELI, F. *Israel*. In: Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972, p. 191.

¹³ FÜGLISTER, Notker. *Eclesiologia bíblica*. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium salutis**. compêndio de dogmática histórico-salvífica. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis: Vozes, 1975. Vol. IV/1, p. 18.

¹⁴ FÜGLISTER, 1975, vol. IV/1, p. 18.

todo Israel e Judá (II Sm 5.5). E notável que Davi teve sucesso na unificação do país, mas ao mesmo tempo foi a causa da futura ruptura em Israel.¹⁵ Mais tarde, o sentido religioso primitivo do termo Israel (liga das doze tribos) perdeu-se completamente, isto é, depois da morte de seu filho-rei Salomão. Houve fenda entre as tribos do sul e do norte¹⁶ (I Rs 12.1-24). Depois veio o cativo de Israel.

Diante disso, poder-se-ia crer que a ideia Jacó-Israel seria suprimida, pois a realidade histórica do reino de Israel havia desaparecida. Mas pelo contrário, o sentido religioso da liga das tribos de Israel ressurgiu e o termo Israel foi aplicado ao reino de Judá, o único sobrevivente e verdadeiro remanescente do povo de Deus, mantido pela dinastia davídica. F. Michaeli, nesse sentido, diz que em lugar da Palavra, que nunca teve sentido religioso, Israel foi empregado pelos profetas para falar do povo que ainda teria um período de existência de mais um século, antes de seu cativo na Babilônia.¹⁷

Os profetas passaram a usar corretamente o termo Israel para o reino do sul (Is 5.7; Mq 3.1; Jr 2.4; 10.1; Is 41.14). Com isto, eles certamente queriam lembrar a aliança sagrada com seu Deus, sua eleição, sua missão, da qual as lembranças do deserto e do Sinai permaneciam com a expressão autêntica e verdadeira (Is 41.8; 44.1s).¹⁸

Veio o cativo babilônico sobre Judá, como vaticinado pelos profetas (Is 22.114; 28.14ss; Jr 6.1-30; Ez 22.1ss; cf. II Rs 25.1ss). Após a ruína de Jerusalém, em 586 a.C. e o exílio por sete dezenas de anos, aconteceu a estupenda restauração na época de Zorobabel, Neemias e Esdras (Ed 2; 7; 8; Nm 1; 2). Nesse tempo, “o conteúdo religioso” da palavra Israel, com referência às doze tribos, apenas se acentuou, pois já não se tratava de coletividade política e nacional, mas precisamente de comunidade religiosa.¹⁹ O termo judeu preserva o sentido racial e nacional das tribos judaicas, mas o vocábulo Israel toma um sentido ideal, aplicando-se ao povo dos fiéis - dos crentes, no presente e no futuro.

No judaísmo posterior, a palavra é empregada de preferência, pelos

¹⁵Embora não isoladamente. Em II Samuel 15 percebe-se que o monarca deu chances para o início de uma série de conspirações em Israel.

¹⁶MICHAELI, 1972, p. 191-192.

¹⁷MICHAELI, 1972, p. 192.

¹⁸MICHAELI, 1972, p. 192.

¹⁹MICHAELI, 1972, p. 192

próprios fiéis, com a consciência de pertencerem ao povo eleito de Deus, enquanto o termo judeu é empregado, sobretudo, pelos estrangeiros, para designar as pessoas que pertencem à nação judaica.

É transparente o largo uso da palavra Israel nas perspectivas dos profetas do exílio e pós-exílio. Para eles, Israel, por um lado, representa o grande reajuntamento de todos os dispersos, dos dois reinos - norte e sul, para reconstituir o verdadeiro reino de Davi, em sua totalidade - das doze tribos (Ez 37.21-25; 48.1-7). Por outro lado, Israel também será o povo de Deus, restaurado, purificado e santificado, que no fim dos tempos receberá a plenitude das bênçãos de Javé e que será a testemunha do Senhor entre as nações de toda a terra, a fim de lhes compartilhar a salvação de Deus (Is 44.1-5; 43.3,14). “Este aspecto missionário e escatológico de Israel é certamente um dos pontos culminantes do pensamento teológico do AT, que encontrará cumprimento total no pensamento cristão”.²⁰

No Novo Testamento, o termo φυλή (tribo) pode referir-se no sentido literal às tribos históricas de Israel (At 7.4-8), ou universalmente as tribos da terra toda (Ap 1.7; 5.9; 11.9; 14.6). Porém, a expressão “as doze tribos de Israel” é usada metaforicamente para os cristãos como o verdadeiro povo de Deus, na abertura da Epístola de Tiago (1.1, cf. I Pd 1.1), e para o Israel escatológico (Mt 19.28; Lc. 22.30; Ap 7.40; 21.12).²¹

Em Mateus 19.28, as doze tribos de Israel representam o novo Israel restaurado, isto é, os eleitos regenerados reunidos dentre as doze tribos de Israel histórico no decurso das eras (Rm 11.26).²² Se Mateus quis que a expressão incluísse os gentios convertidos, de modo que a igreja fosse doravante considerada o verdadeiro Israel, então o paralelo mais próximo no próprio Novo Testamento é Gálatas 6.16, onde Paulo invoca a paz e a misericórdia sobre Israel de Deus, ou seja, sobre todos os cristãos, judeus e gentios que se gloriam na cruz como sua única base para sua nova posição diante de Deus (6.14).²³

²⁰ MICHAELI, 1972, p. 193.

²¹ HILLYER, Norman. Tribo. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova. 1983, vol. 4, p. 660.

²² HILLYER, 1983, p. 660. Ver também: STAGG, Frank. **O livro de Atos dos Apóstolos**. os primeiros esforços em prol de um evangelho desimpedido. 2.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, vol. 8, p. 241.

²³ HENDRIKSEN, W. *apud* HILLYER, In: BROWN, 1983, vol. 4, p. 660.

O Novo Testamento ainda faz Paulo dizer que estava diante do tribunal romano “pela esperança nas promessas feitas por Deus a nossos pais, cujo cumprimento nossas doze tribos (δωδεκάφυλον) esperam alcançar, servindo continuamente a Deus dia e noite” (At 26.6,7).

No Novo Testamento o que, pois, cria e esperava o judaísmo no Antigo Testamento, vê-se realizado na Igreja. Por conseguinte, é a Igreja do Novo Testamento, como o “Israel de Deus”, o novo povo das doze tribos. fundada e representada pelos doze Apóstolos (Ef 2.20), forma a cristandade “as doze tribos na dispersão” (Tg 1.1), a comunidade salvífica dividida em doze vezes doze milheiros (Ap 7.4-8).²⁴

3. O REMANESCENTE

Os termos para remanescente, *yatar* e *sa'ar*, geralmente aplicam-se a coisas ou pessoas que sobram, ficam à parte.²⁵ Nos livros proféticos, porém, a esperança prometida para aqueles que restassem depois da queda de Jerusalém não se limitou a uma promessa de preservação para uns poucos remanescentes. Mas, mais do que isso, essa esperança cristaliza-se numa promessa para o núcleo da nação que seria preservado de todos os males e no final, devolvido para a sua terra e para uma condição de bem-aventurança nos tempos messiânicos. Muitas vezes há a ausência do termo, mas a noção teológica do remanescente está presente em muitos textos do Antigo Testamento, salienta A. Lelievre.²⁶ R. L. Harris supõe que o pensamento de uma doutrina do remanescente remonte até Deuteronômio 4.27, onde a promessa é dada àqueles que sobrassem depois da dispersão, os quais seriam novamente abençoados se buscassem o Senhor.²⁷

A. R. Crabtree diz que a ideia de um resto é largamente empregada no Antigo Testamento e está associada com a doutrina da eleição. Para tanto, ele cita a eleição de Noé, de Abraão, de Moisés e dos profetas. Os profetas porque eles seriam salvos juntamente com os fiéis do seu povo que atendem

²⁴FÜGLISTER, 1975, p. 15; HARRIS, R. L. *Remanescente*. In. ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990, vol. 3, p. 281.

²⁵HARRIS, 1990, p. 281.

²⁶LELIEVRE, A. *Remanescente*. In. Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972, p. 360. a

²⁷HARRIS, 1990, p. 281.

suas pregações.²⁸ O fato é que no Antigo Testamento o remanescente de Israel provém quase sempre de uma catástrofe, que destrói o todo. Assim, como alega A. Lelievre, o remanescente, por sua própria existência, de certa maneira, constitui a prova atestando a destruição do todo (Am 3.12).²⁹

O remanescente é o resultado tanto da obra do juízo de Javé como obra de sua graça. É a ação Soberana sobre o todo. “A ausência de remanescente para os Filisteus (Am 1.8; Is 15.9) e a existência de remanescente para Israel não tem origem em acidente inerente à história, mas no fato de que Deus nela exerce seu julgamento sobre os homens”.³⁰ E quanto menor o remanescente, tanto maior foi a destruição e mais grave o pecado.

Mas o remanescente, como foi apontado acima, também é obra da graça de Javé. No dia da calamidade o remanescente subsiste. Porém, isto não é o resultado de um reflexo imanente da história, que conservaria minorias, nem da sagacidade de alguns (Am 2.14ss; 9.1ss). Mas que alguns subsistem é um evento miraculoso, do qual só Javé é o autor. Segundo Crabtree e Füglistler, a salvação do restante não é mecânica, como não é mecânica a operação de Deus na história, mas ética e espiritual.³¹ O remanescente não se define a priori, por coordenadas institucionais. Ele é o aspecto carismático do povo de Deus nas horas de crise. Dessa forma, o resto é obra de Deus (Is 1.9).³² Sua existência atesta o duplo exercício de sua justiça e sua graça na história de Israel.

O remanescente de Israel não é fundamentalmente diferenciado da maioria destruída, ou disciplinada (Is 64). No remanescente continua a existir o antigo Israel.³³ Neste remanescente, a vida do povo é salvaguardada através do julgamento catastrófico. Não se trata, portanto, de uma comunidade nova, que substituiria a antiga (Is 6.13), “...depois de derrubados, ainda fica o toco. A santa semente é o seu toco”.³⁴ Por ser obra divina, resta ainda um pedaço de tronco para fazer surgir uma nova árvore (Is 4.2,3).³⁵ O tema é recorrente, p. ex. Isaías 37.31-35.

²⁸ CRABTREE, 1977, p. 234.

²⁹ LELIEVRE, 1972, p. 360.

³⁰ LELIEVRE, 1972, p. 360.

³¹ CRABTREE, 1977, p. 232.

³² LELIEVRE, 1972, p. 361.

³³ LELIEVRE, 1972, p. 361.

³⁴ LELIEVRE, 1972, p. 361.

³⁵ RIDDERBOS, J. **Isaías**: introdução e comentário. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 95.

A identidade do remanescente é um mistério fundamentado apenas na livre eleição graciosa de Deus. Sua extensão, seu número, sua identidade e suas qualidades escapam qualquer avaliação e previsões humanas (1 Rs 19.18; cf. Rm 11.4). Assim não é a tribo de José, o filho mais notável de Jacó em Gênesis, nem Efraim, a tribo mais populosa, que constituíram o remanescente na época real, e sim a tribo de Judá. O critério moral também não é decisivo na escolha dos remanescentes e não os distingue dos outros. Pode-se lembrar de I Reis 19.18 e os profetas, que salientam às vezes a justiça, a fé e a obediência (Sf 3.12s.) ou a pequenez social dos que constituíram o remanescente (Jr 23.3; Is 7.22), mas esses traços particulares não caracterizam o “resto”, em última análise. Julga-se isso pelo texto de Ezequiel 14.12-23, ou o episódio da queda da torre de Siloé (Lc 13.1ss), que afirmam, não apenas a solidariedade da vida, mas também a identidade do todo e do remanescente.

O Antigo Testamento deixa claro que Israel fracassou diante da chamada divina. Por isso, sempre careceu da continuada purificação seletiva e julgadora. Os que restaram, são, portanto, os que escaparam e se salvaram no juízo e pelo juízo - como renovada instituição de um Deus que fica fiel à sua promessa fundamental.

No Novo Testamento, Paulo interpreta a doutrina do remanescente. Ele alude, em I Coríntios 10.18, que o Israel segundo o Espírito se separa do Israel segundo a carne, tornando-se, assim, portador da promessa e missão salvífica. O que se deveria cumprir no Israel inteiro, cumpre-se no seu remanescente, tendo como base a disposição divina (Is 28.16). O comentarista Leon Morris especifica a passagem acima. “De observâncias cristãs, Paulo se volta para as dos judeus, Israel segundo a carne. Esta expressão distingue Israel como nação, do verdadeiro Israel, a Igreja cristã”.³⁶

O remanescente do povo, às vezes comparado a um rebento surgindo de um velho tronco (Is 6.13), deve ser confrontado com o Messias, pois também ele é comparado a um renovo (Is 4.2; 11.1; 53.2; Ez 17.22; Sl 80.15ss). Ele é a parte essencial e vivificante do remanescente. Não pode haver remanescente senão em torno dele, ou ainda, na medida em que os outros membros do remanescente são enxertados e participam da sua vida (Jr 23.3-6; Mq 2.12,13; 5.1-8).

³⁶ MORRIS, Leon. **I Coríntios**. introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1981, p. 117-118.

Aqui a doutrina do remanescente encontra a sua total exclusividade, pois do mundo veio uma nação; de uma nação veio um remanescente; do remanescente veio o Messias (cf. Gl 3.16). A base está na saída do povo de Deus do Egito, e no fato que ao decorrer dos séculos esse povo se reduz a um resto (cf. Rm 11.5 e 9.27), cada vez menor, até um único representante (o rebento). Esse único representante é Jesus Cristo segundo o Novo Testamento (Rm 11.5). No Novo Testamento, Jesus é o predestinado, o Eleito de Deus (Lc 9.35; 23.35; 1 Pd 2.4; 2.6, citando Is 28.16; e Jo 1.34), sobre ele caem as promessas (Gl 3.16) e se cumpre toda a Palavra (Lc 24.44). Em Romanos 9.27, o apóstolo Paulo retorna a profecia de Isaías 10.22 e 23 do remanescente e no contexto mostra que a Igreja, composta de judeus e gentios (v.24), é o povo de Deus saído do remanescente.

Por ser Cristo o Eleito de Deus, os seus seguidores são também (Mt 22.14; 24.2,31; Lc 18.7; Cl 3.12; I Ts 1.4; I Pd 2.9; II Pd 1.10 e II Tm 2.10), até mesmo em linguagem singular (Rm 16.13; I Jo 1.13). A respeito disso, Alan Richardson escreve. “Os cristãos podem ser chamados ‘eleitos’ porque estão ‘em Cristo’, porque são batizados na pessoa daquele que pode com absoluta propriedade ser chamado de Eleito de Deus”.³⁷

Deus, desde a fundação do mundo, planejou recriar a nova humanidade em Cristo. Assim, Paulo afirma, em Romanos 8.28-30, que a Igreja toda, coletivamente, era, nesse sentido, conhecida por Deus de antemão, e já ordenara antecipadamente que fosse conforme a imagem de Seu Filho. E os que estão justificados em Cristo, de acordo com a passagem acima, estão também glorificados nEle. A Igreja, como “o pequeno rebanho” (Lc 12.32) deve estar, à luz do que foi analisado, arraigada na experiência histórica do remanescente antigo de Israel.

4. A DIÁSPORA

O termo diáspora, ou dispersão, refere-se aos judeus que vivem fora da Palestina. A dispersão dos judeus começou nas deportações efetuadas pelos assírios e babilônicos (722 e 597 a.C.). Mais tarde, espalhou-se pelo império inteiro, até o Egito, Ásia Menor, Grécia e Itália (II Rs 15.29; 17.6; 24.14ss; At 2.9-11). Esse termo se tornou técnico para o espalhamento dos judeus; é

³⁷ RICHARDSON, Alan. **Introdução à teologia do Novo Testamento**. Tradução de Jaci Correia Maraschin. São Paulo: ASTE, 1966, p. 277.

um termo duro que expressa a difícil sujeição de se viver num país estranho. Em consonância com os grandes profetas, a deportação e o exílio eram sinais visíveis do castigo divino (Jr 17.1-4; Ez 12.15).

Mas também por meio da pregação dos profetas exílicos e pós-exílicos, emergiu uma atitude positiva para com essa situação (s. 60 Ag 2.6ss; Zc 8.20ss). Deus, através da dispersão de Israel, pretende fazer com que as nações venham até Ele. Essa nova abordagem foi vivamente apresentada em Isaías, capítulos 40 a 66.³⁸

Uma comunidade que vive fora de seu país natural é considerada estrangeira. E mais: uma terra que não é terra natal, torna-se um chão de peregrinações. Israel, pela sua vocação divina, é descrita e prescrita, desde seus primórdios, como uma gente de estrangeiros.³⁹ No Credo de Deuteronômio 26.5-9⁴⁰ há um resumo histórico da salvação de Israel, centrado na libertação do Egito. Ele contém a ideia do pequeno número de pessoas que formou a estirpe israelita. A expressão “arameu, prestes a perecer” (v.5) provavelmente, como sustenta J. A. Thompson, refere-se a Jacó, podendo até mesmo se reportar a Abraão. A associação dos patriarcas com os arameus é sugerida fortemente em Gênesis. Abraão, Isaque e Jacó tinham ligações com Aram-naharaim, onde vivia a tribo de Terá, pai de Abraão (Gn 11.31).⁴¹ Segundo J. A. Thompson, o termo heb. ‘ôbed pode ser traduzido por errante,⁴² como fazem a Bíblia de Jerusalém e New Revised Standard Version. A Bíblia Vida Nova traduz “prestes a perecer”, mas depois segue dizendo. “e ali viveu como estrangeiro com pouca gente”. Do princípio em que as chances de sobreviver pareciam poucas, veio a surgir um grande povo (Êx 1.7). Os textos dizem que ele descera ao Egito com pouca gente, na verdade apenas setenta pessoas (Êx 1.5; Gn 46.27; Dt 10.22), vivera ali como um estrangeiro residente (Gn 47.4), e finalmente se tornara uma nação.

Em certo sentido, os descendentes de Jacó sempre eram peregrinos, mesmo quando habitavam na terra que lhes foi previamente prometida. Isto

³⁸ ROTHENBERG, Friedrich Samuel. *Estrangeiro*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, vol. 2, p. 153.

³⁹ ROTHENBERG, 1982, vol. 2, p. 153.

⁴⁰ Paralelo com o Credo do Coração em Deuteronômio 6.4-9.

⁴¹ THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 245.

⁴² THOMPSON, 1982, p. 245.

ficou bem transparente na ocasião da entrega das leis. A terra onde fixariam residência não lhes pertenceria, bem como de fato o mundo inteiro (cf Sl 24.1), pertencente apenas a Javé. Por essa razão, não podiam vendê-la (Lv 25.23). Eles seriam apenas peregrinos ali (I Cr 29.15; Sl 39.13; 119.9,54; 120.5). Os próprios patriarcas eram virtualmente estrangeiros residentes (Gn 12.10; 17.8; 19.9; 20.1; 23.4; 35.27; 47.4; Êx 6.4).⁴³

No Novo Testamento Abraão (Gl 3.7) é lembrado como peregrino (Hb 11.9). A terra prometida era um país estrangeiro, sendo assim, habitava em tendas.

Antes de sua chamada à fé em Cristo, os cristãos gentios eram estrangeiros (Ef 2.12). Como pagãos, não tinham parte da vocação de Israel, no sentido de ser povo de Deus. Agora em Cristo são concidadãos dos santos e membros da família de Deus (Ef 2.19), possuem o direito de cidadania celestial (Fl 3.20; Gl 4.26; Ef 2.6; Hb 11.15,16; 12.22,23; 13.14). Sendo cidadãos da futura vida celestial, são colocados, paradoxalmente, como peregrinos e forasteiros aqui na terra (I Pd 1.17; 2.11), até que o tempo da nova morada se cumpra (II Co 5.1ss). Aqui temos uma antinomia do peregrino em relação ao cidadão (Hb 11.13; I Pd 2.11). Diz-se claramente que o crente em Cristo não pertence a este mundo, mas sua pátria está nos céus (Fl 3.20).

Bruce L. Shelley observa: “a Igreja não é para aqueles que já chegaram; ela é composta de peregrinos que estão a caminho”.⁴⁴ Com os judeus fora da Palestina, formando a comunidade religiosa em pátria estranha, fica sendo a diáspora uma das formas básicas em que aparece e existe o povo de Deus no Antigo Testamento e, como será mostrado adiante também, o povo de Deus do Novo Testamento, pois entre todos os povos da terra habita este uno e único Povo de Deus. Os seus membros formam, como “estrangeiros na diáspora” (I Pd 1.1), as “doze tribos na dispersão” (Tg 1.1).

5. A COMUNIDADE DE CULTO

Israel sempre está caminhando para um ideal. A chamada é justificada pela necessidade de um culto (Êx 5.1 “celebrar festa”; Êx 3.12 e 7.16 “servir”). A chamada para fora tem um aspecto negativo (ser livre da escravidão egípcia)

⁴³ BIETENHAR, Hans. *Estrangeiro*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, vol. 2, p. 155, 158.

⁴⁴ SHELLEY, Bruce L. **A igreja**: o povo de Deus. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 80

“... Agora, pois, deixa-nos ir caminho de três dias para o deserto, para que ofereçamos sacrifícios ao Senhor nosso Deus” (Êx 3.18b). Dessa forma, a comunidade do deserto se torna uma comunidade de culto.

O verbo *zabab*, comum para sacrificar, sem qualquer localização implícita, presume que se tem em mente o sacrifício da aliança feita no Sinai (Êx 24). Esse evento seria uma confirmação do texto anterior (3.12), onde servir provavelmente tem uma nuance sacrificial.⁴⁵

Na história de Israel há uma conexão íntima entre adoração e vida, pois a reverência se expressaria através da adoração e obediência.⁴⁶ Vida e adoração são completamente reconciliáveis com os eventos de Êxodo. As disposições da Lei do Sinai reiteram a natureza cútlica de Israel.

A comunidade de culto tem seus encontros solenes com Javé. Notórios são os dias da assembleia” (Dt 9.10; 18.16). Estes são diferenciados, como após a tomada de Ai (Js 8.30ss.) a dedicação do Templo de Salomão (1 Rs 8.2ss.; I Cr 6 e 7), diante da ameaça que Moabe e Amom faziam sobre Israel (II Cr 20.5ss.), quando dos grandes movimentos de reforma (II Cr 29.30; II Rs 23; Ne 8 e 9), e outros.⁴⁶

A formação e adoração da *ekkleisia* cútlica em Israel diferia grandemente em relação aos cultos celebrados pelas nações vizinhas. Bruce Shelley argumenta que os pagãos iniciavam eles mesmos os atos de adoração, na esperança de fazer alguma coisa que pudesse obter o favor dos deuses. Porém, a adoração dos hebreus era uma resposta ao que Deus já fizera por eles, não tendo o propósito de alcançar o favor de Deus.⁴⁷

No Novo Testamento, a Igreja do Senhor é chamada para adorar a Deus. Naturalmente há a devoção particular, de cada membro, mas não se pode negar o caráter comunitário do culto cristão, pois o cristianismo também é corporativo (I Co 12). O caráter corporativo da salvação se relaciona com a adoração. A adoração não é um solo, mas um coro. A Igreja é a família de Deus reunida na Sua presença para concretizar a unidade do povo de Deus (Hb 10.24,25).⁴⁸ I Pedro 2.5, 9 e 10, afirma que a Igreja, segundo o que Pedro demonstra, é um templo espiritual construído para a glória de Deus e para

⁴⁵ COLE, R. Alan. **Êxodo**. introdução e comentário. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, s. d., p. 69.

⁴⁶ THOMPSON, 1982, p. 102.

⁴⁷ SHELLEY, 1984, p. 80.

⁴⁸ SHELLEY, 1984, p. 82.

a adoração a Ele. A Igreja é um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Conforme alega Ralph Martin, a Igreja, como parceira do Israel antigo dentro da única aliança da graça, existe mediante a chamada do próprio Deus. Enfim, Deus conclamou a Igreja de Cristo à existência, a fim de ser uma comunidade adoradora.⁴⁹ No antigo pacto, a comunidade se reúne em torno do Deus-Salvador; no novo pacto, a Igreja se reúne em torno do Cristo-Salvador. Os dois Testamentos nos fazem ver que o culto do velho e do novo pacto não se reduz a uma entre as várias práticas litúrgicas naturais ao homem. Mas para ambos necessário se faz “sair fora do arraial” (Hb 13.13) a fim de poder oferecer a Deus o culto que lhe é agradável (II Co 6.14-18). A Igreja do Antigo Testamento, em sua vida e adoração exclusiva a Deus, antecede a realidade cültica da Igreja Cristã neotestamentária.

6. A CIDADE SANTA

Javé fundou e elegeu não só a comunidade, mas também o Templo, o monte Sião e Jerusalém - três conceitos empregados, em medida crescente, como sinônimos da presença e revelação divina.⁵⁰ Às vezes Sião, Jerusalém e a Cidade de Davi são sinônimos (cf. II Sm 5.6ss; I Rs 8.1; I Cr 11.4ss; II Cr 5.2).⁵¹

Diferentemente de uma descrição histórica ou geográfica, o Antigo Testamento pode falar da Cidade de Deus com outro sentido. Como afirma Notker Füglister, “Jerusalém é, inequivocamente, ...uma ideia, não um lugar... a cidade santa como símbolo do Povo de Deus eleito...”⁵²

Jerusalém, como capital real, era na história antiga de Israel o centro do reino político e honrada como tal. Como cidade-templo do culto-centralizado, Jerusalém continuou sendo um centro espiritual e religioso, por sinal muito visitada, mesmo após a dissolução da unidade política.⁵³ A cidade santa (Is 48.2; 52.1) ficou sendo o enfoque das esperanças teocráticas. As experiências históricas, bem como a reflexão teológica, fortaleceram e estenderam a ideia

⁴⁹ MARTIN, Ralph. **Adoração na igreja primitiva**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 14.

⁵⁰ FÜGLISTER, 1975, p. 28.

⁵¹ SCHULTZ, Helmuth. *Jerusalém*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, vol. 2, p. 478.

⁵² FÜGLISTER, 1975, p. 29.

⁵³ Em consequência do cativeiro babilônico.

da inviolabilidade e indestrutibilidade da cidade-templo (Is 36; II Rs 18; II Cr 37; Jr 7; etc.).⁵⁴

Convém, assim, notar que o Antigo Testamento concebe a cidade de Jerusalém, principalmente nas pregações proféticas, como uma grandeza conceitual e transcendental. Isso fica mais acentuado nos documentos da apocalíptica intertestamentária.⁵⁵

Jerusalém está situada geograficamente sobre o monte Sião. Mas, contrariamente aos dados geográficos, é Sião o “monte mais alto” (Is 2.2; Mq 4.2; Êx 17.27; 40.2; Zc 14.10) e “monte santo bem ao norte” (SI 48.3). Sião-Jerusalém é conceituada como um paraíso (Cf. Is 51.3). Sião é o santuário das águas de bênção e de vida (SI 46.5; Ez 47.1-12; Jl 3.18; Zc 14.8). Como monte de Deus e Jardim do paraíso, é Sião-Jerusalém o centro dos povos (Is 29.8; 31.4s; SI 48.5-8; 76.4ss; 125.1).⁵⁶

Sendo Jerusalém a cidade idealizada como meta de peregrinação e o lugar de encontro e o centro da comunidade paradisíaca, ela preenche, dessa forma, duas fundamentais necessidades humanas, ou seja, o abrigo e a comunidade.⁵⁷ Jerusalém é a cidade onde não faltam as bênçãos do Senhor, mesmo quando fatores humanos e de natureza instigam um comportamento céptico.

Embora não apareça o termo Sião em Isaías 54, é a Sião que o Senhor Se dirige. Comentando o verso primeiro. “Canta, alegremente, ó estéril, que não deste á luz; exulta de prazer com alegre canto, e exclama, tu que não tiveste dores de parto; porque mais são os filhos da desolada, do que os filhos da casada, diz o Senhor”. J. Ridderbos escreve:

É predito aqui, da maneira semelhante a de uma profecia anterior (49.14-21), que a Sião ou Jerusalém, que fora despovoado durante o exílio, terá novamente riqueza de habitantes. Esse despovoamento é pintado com a imagem da mulher desfilhada, que é ‘estéril’ e nunca deu luz a um filho. Com pequena modificação na figura, ela também é chamada de ‘mulher solitária’, porque está separada do Senhor, seu Marido (49.21). Agora, porém, Sião pode regozijar-se, pois aquela que é solitária terá mais filhos do que quando era casada, isto é, quando ainda não havia sido deixada a sós pelo Senhor; a nova Jerusalém

⁵⁴ SCHULTZ, 1982, p. 479.

⁵⁵ SCHULTZ, 1982, p. 480.

⁵⁶ FÜGLISTER, 1975, p. 30.

⁵⁷ FÜGLISTER, 1975, p. 31.

será mais densamente povoada do que a antiga. (Estas palavras são citadas em Gálatas 4.27 como tendo-se cumprido na igreja do novo pacto).⁵⁸

Conforme o comentarista deixou claro, a profecia de Isaías é interpretada pelo Novo Testamento. No segundo verso do mesmo texto, a mesma ideia se apresenta, na figura da tenda, que dado pelo grande fluxo de pessoas, precisa ser ampliada. Refere-se à cidade de Jerusalém, que já não suportará o número de seus habitantes, pois o seu espaço físico tornou-se pequeno (49.20). A população se espalhará (Gn 28.14) “para a direita e para a esquerda” (v.3); isto é, em todas as direções, de forma que habitará não apenas em Jerusalém, mas também em todo o país de Canaã. “Este novo Israel ‘possuirá as nações’; ela subjugará, como nos dias de Davi, os povos vizinhos. E repovoara as cidades assoladas, as cidades de Canaã que haviam ficado desoladas durante a época do exílio...”⁵⁹

No Novo Testamento, mais especificamente em Hebreus 12.22, o monte (Sião) e a cidade (Jerusalém) são concebidos espiritualmente. O monte Sião, no novo pacto, veio a ser símbolo da verdadeira adoração a Deus e Jerusalém veio a ser símbolo da verdadeira comunidade.⁶⁰

No Evangelho de Lucas, Jerusalém é de especial importância na teologia do autor. No começo (1.5-25) e no fim (24.53) há referências a eventos que aconteceram no templo. A promessa dada ao povo antigo de Deus se cumpre na história de Jesus e Sua Igreja. O verdadeiro Israel se reúne no lugar santo. Em Atos dos Apóstolos, o mesmo autor foi ainda mais além, sendo que lá Jerusalém, como afirma Eduardo Lohse, é o lugar que “liga a história de Jesus com o início da comunidade” (cf. 10.39; 13.27,31).⁶¹

Ainda, ao mesmo tempo, a Igreja como nova Jerusalém, de modo semelhante à Jerusalém de que se fala nas promessas do Antigo Testamento, é uma realidade escatológica - apocalíptica. Embora o cristão já desfrute agora os direitos de cidadania (Fp 3.20) permanece, contudo ainda no exílio distante. ...não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da futura (Hb 13.14, cf. Ap 21.2).⁶² Dessa maneira, a Igreja está a caminho da “Jerusalém

⁵⁸ RIDDERBOS, 1985, p. 443; RICHARDSON, 1966, p. 261-263.

⁵⁹ RIDDERBOS, 1985, p. 444.

⁶⁰ GUTHRIE, Donald. **Hebreus**: introdução e comentário. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987, p. 244-245.

⁶¹ LOHSE, Eduardo. *Apud* SCHULTZ, In: BROWN, 1982, vol. 2, p. 481.

⁶² FÜGLISTER, 1975, vol. IV/1, p. 31.

Celeste”, que por um lado, já está agora prolepticamente presente, mas só se tornará definitivamente manifesta no fim dos tempos, descendo sobre a Igreja “de cima”, como dom salvífico de Deus (Ap 21.2,12; cf. Is 40-66). Esta bela cidade (Ap 21.2,10-11), que na visão do profeta desceu a terra, é de extensão vasta (vv. 12, 13). Uma coisa, porém, está ausente nela: o templo, “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (v.22).

Depreende-se, desse estudo, que a Jerusalém terrenal era um perfeito protótipo da paradisíaca Jerusalém na visão escatológica dos profetas, e ela, muito bem, serve na revelação neotestamentária como configurando a Jerusalém Celestial. Não se deve olvidar, no entanto, que assim como a Nova Jerusalém estava para o povo de Deus no Antigo Testamento, assim a “Jerusalém que é de cima” (Gl 4.26; cf. Hb 12.22) está para a Igreja de Jesus Cristo (Ap 3.12; 21.2,10). Temos nessa metrópole mais uma interessante forma de ekklesia vétero-testamentária, que acha seu pleno significado na experiência e revelação da Nova Aliança.

7. O REINO DE DAVI

Sião-Jerusalém e seu santuário estão, no Antigo Testamento, ligados ao reinado Davídico. É um tema continuamente ressaltado na teologia bíblica que os eternos propósitos de Deus se cumprem através daquilo que parece ser uma condescendência para com as necessidades e os fracassos humanos. O pedido de um rei em Israel criou uma situação dialética entre promessa e cumprimento, que continua viva para dentro do Novo Testamento. Em face da crise de uma liderança eficaz e mais abrangente em Israel (Jz 17.6; 18.1; 19.1; 21.25) surge o anúncio de uma monarquia. Por mais paradoxal que pareceu a Samuel e muitos de seus compatriotas piedosos e como sinal explícito de fracasso (1 Sm 8.1-3) e teimosia (I Sm 8.19) da casta impiedosa de Israel, a escolha de um rei revelou-se a melhor intenção de Deus. Intenção esta que foi realizada na pessoa de Davi. Esta história é narrada em I Samuel capítulo 16, II Reis capítulo 2 e I Crônicas 11 a 29.

A vontade do Senhor se cumpre, não obstante as falhas dos homens e sua falta de disposição para crer tão somente em Javé, porque: “Em Israel, o sistema de juízes e o reinado eram duas formas do mesmo ideal teocrático,

que Javé é tanto Juiz como Rei”.⁶³

Com a monarquia surge uma nova crise em Israel. Quando o trono de Davi ficou finalmente estabelecido, ele considerou ser tempo hábil e maduro para cristalizar a aspiração religiosa nacional, ao planejar a edificação da casa de Javé no lugar escolhido pelo próprio Senhor. Isto, porém, foi proibido, e na maneira mais elegante possível, o oráculo de proibição pronunciado por Natã foi transformado em oráculo de esperança. Longe de Davi edificar uma casa para Javé, o próprio Senhor edificaria uma casa para Davi (II Sm 7.5-11).⁶⁴

Não pode haver dúvida de que para o texto de II Samuel 7.11 a palavra “casa” tem o significado de “dinastia”, mormente considerando-se que a expressão “a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti” (v.16) somente poderia significar que a “dinastia” de Davi reinaria para sempre (cf. vv. 13.16,19,25-27,29).⁶⁵

Com essa promessa, Deus não estava abdicando o Seu domínio ou que o Seu reino tivesse chegado ao fim, pois este reino de Davi, anunciado profeticamente, era tão estreitamente vinculado ao reino de Deus, que o trono e reino davídicos foram mais tarde chamados os do próprio Senhor. Assim, I Crônicas 28.5 diz que Salomão se assentava “no trono do reino do Senhor sobre Israel”. II Crônicas 13.8 se refere ao “reino do Senhor” (cf. II Cr 9.8). Já em I Samuel 24.6 e II Samuel 19.21. Salomão foi chamado de “o ungido do Senhor”. Sendo assim, a teocracia e o reino davídico, em virtude de sua posição especial na aliança, eram consideradas uma coisa só.⁶⁶

Embora a palavra descendente apareça uma só vez em II Samuel 7.12, esta promessa de uma dinastia que teria uma longa linhagem de descendentes era uma lembrança de uma palavra semelhante dirigida a Abraão. Descendente (ou descendência) tomava conotação de posteridade, como em Gênesis 3.15; 12.7; 13.5. Mas, ao mesmo tempo, porém, o descendente indicava uma pessoa única que representava o grupo inteiro, e era a garantia da linhagem de descendentes que ainda viria. Dessa maneira, o descendente de Davi, o qual edificaria o templo proposto em II Samuel 7.13. referia-se ao indivíduo único,

⁶³MOTYER, J. A. *Davi*. In. BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981, vol. 1, p. 590.

⁶⁴MOTYER, 1981, p. 591.

⁶⁵KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 154-155.

⁶⁶KAISER, 1980, p. 155-156; MOTYER, 1981, p. 590.

Salomão.⁶⁷

Todavia, em Salomão, já se encontra a origem de uma nova crise em Israel. Infelizmente a transgressão de Salomão semeou a destruição do reino de Israel. Os profetas do VII século receberam a incumbência de anunciar o fim do reino de Israel (Am 9.8; Os 1.4; Is 9.11). Os profetas pregaram arrependimento e em Judá, pelo menos, foram atendidos por algum tempo e Deus salvou a cidade de Jerusalém das mãos do rei Senaqueribe (da Assíria). Mas o alívio foi temporário; tão logo que Judá mostrasse obstinação, os profetas anunciaram o cativeiro babilônico.⁶⁸

A dupla desgraça em Israel ficou prescrita pelos profetas como uma consequência da infidelidade do povo. Israel permitiu um processo de secularização, pois a nação deixou os interesses espirituais de lado para dar lugar ao cálculo político - militar. A unidade geográfica se tornou mais importante que a unidade do sangue e da fé. Além disso, formou-se em Israel uma população mista e sincretista - os israelitas e cananeus, não só passaram a viver uns ao lado dos outros, mas uns com os outros.

Tudo isso pôs em perigo a posição especial de Israel como povo de Deus.⁶⁹ Mas havia um levantamento da casa caída de Davi (Am 9.11). O reino de Israel seria restabelecido e não faltaria um filho de Davi para assentar-se no seu trono (Jr.30.9; 33.17). Surge a expectativa de um rei perfeito, como sendo um “gerado pelo próprio Javé” (Sl 2.7).

Os pontos principais de tal expectativa eram os seguintes. as qualidades da pessoa e reinado do rei (Is 11.1-9), seu domínio universal (Is 9.7; Sl 72), a dimensão sacerdotal da sua dignidade real (Sl 110; Zc 3.8-10; 6.12,13), e o próprio rito sacerdotal de sacrifício substitutivo (Is 52.13-53.12).⁷⁰

Há um mistério no Antigo Testamento em relação à pessoa desse rei esperado. Ele é apontado como um rebento do tronco de Jessé, mas também é a raiz de onde brota Jessé (Is 11.1,10); pode ser chamado de Deus (modo direto de interpretar o Salmo 45.6), e, mesmo assim, recebe unção da parte de Deus (Sl 45.7); nasceu da linhagem de Davi; mas mesmo assim, tem o título de Deus e é Senhor de Davi (Is 9.6; Sl 110.1, cf. Mt 21.41 ss.); pode brotar de

⁶⁷ KAISER, 1980, p. 155.

⁶⁸ KLAPPERT, B. Reî. In. BROWN. Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983, vol. 4, p. 136.

⁶⁹ FÜGLISTER, 1975, p. 33.

⁷⁰ MOTYER, 1981, p. 591.

uma raiz enterrada que parece ter morrido, e ainda ser “o Braço do Senhor” (Is 53.1-3).⁷¹

As expectativas de Israel se tornam em uma expectativa messiânica - futurística. Pode-se dizer que na era davídico-salomônica, Israel experimentou em parte a era ideal de Israel, pois no reino davídico se cumpriram as promessas feitas aos pais. Israel, feito um povo numeroso, vive na terra Prometida, em paz e segurança. Mas, face a subsequente crise política e moral - espiritual, surge a expectativa de que esses tempos voltem e se renove o reinado davídico.

Essa expectativa cumpre-se no Novo Testamento no evento Cristo. Portanto, o mistério do rei futuro, perfeito, não recebe solução alguma antes da revelação do Novo Testamento. Nas páginas do novo pacto, Jesus é vinculado diretamente com Davi (Mt 1.1ss; Lc 1.27,32; 2.4,11; 3.31; Rm 1.3; II Tm 2.8) e se torna “o depositório das promessas outorgadas ao Seu ancestral famoso, mas nunca concretizadas por aquele (Lc 1.69; Jo 7.42; At 13.34; 15.16).

Em Lucas 1.30-33, o anjo Gabriel, em palavras poéticas, profetiza a Maria a respeito do seu futuro filho palavras inefáveis. Norval Geldenhuys, em resumo, diz que Jesus será grande, mas com um caráter diferente. A ausência de artigos no texto grego referentes ao “Filho do Altíssimo”, tem objetivo apontar absoluta peculiaridade e superioridade de Jesus em função da Sua divina filiação.⁷²

Para Ele, como o único exaltado sobre todos, Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Trono ocorre nesse texto como símbolo do seu supremo poder. A Jesus, portanto, será entregue o poder real e governo prometidos no Antigo Testamento para o Messias-rei da linhagem de Davi (II Sm 7.14; Sl 2.7; 89.26, 27). Seu governo não será efêmero, terrenal, mas espiritual e eterno, não exercido sobre um povo mundano, mas sobre o Israel espiritual.⁷³

No Novo Testamento, o nome de Jesus está relacionado à realidade e operação do Reino de Deus (At 8.12; 28.23; II Tm 4.1,18; Hb 1.8; II Pd 1.11; Ap 11.15; 12.10 e cf. Mc 11.10, também cognominado o reino de nosso pai Davi). O reino de Deus e reino de Cristo são expressões da mesma realidade (Ef 5.5; cf. Cl 1.13).

⁷¹ MOTYER, 1981, p. 591

⁷² GELDENHUYS, Norval. **The gospel of Luke: the new international commentar on the New Testament**. 12.ed. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1979, p. 76.

⁷³ GELDENHUYS, 1979, p. 76.

Cristo, “o leão da tribo de Judá a raiz de Davi” venceu e está vencendo as forças do maligno e infernais do Diabo (Hb 2.14,15; I Jo 3.8), seu arqui-inimigo. Graças ao governo real e militante de Cristo, hoje a Igreja é o seu quinhão (I Co 15.24,25) e, como o fez outrora Davi, a Igreja milita em função dos interesses do reino de Deus (Hb 12.28; cf. Tg 2.5; II Pd 1.10,11; Ap 1.5,6; 5.9,10; cf. Ef 6.10-12).

No plano inteiro de Deus, ao longo de toda a história salvífica há um liame entre a chamada da Igreja do Novo Testamento, para compor o “exército de Deus” (II Tm 2.3,4) e a chamada do Davi, que desde a origem foi conclamado a lutar em nome do Senhor dos exércitos (v.47). A guerra dos crentes em Jesus Cristo é contra as forças e potestades do mal (Gl 5.17; II Co 10.3ss.).

À luz disso, conclui-se que da maneira que a Bíblia apresenta tema reino davídico, há nessa grandeza bíblica uma outra forma para a Igreja neotestamentária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que a história da salvação se divide em dois períodos, o primeiro é o tempo da profecia (as formas do velho pacto). O segundo, o tempo do cumprimento, que tem lugar em dois estágios. Primeiro há o cumprimento da Escritura na vida de Jesus, e, por conseguinte, há o cumprimento na vida da Igreja.

A Igreja do Novo Testamento já se encontra pré-figurada no Antigo Testamento. Há um liame entre as representações nos dois pactos no que diz respeito à grandeza eclesiológica. Temas no Antigo Testamento, como. Povo de Deus, tribos de Israel, e remanescente, diáspora, comunidade de culto e reino davídico, são verdadeiras formas que sugerem uma ekklesia no tempo pré-cristão. Essa Igreja, naturalmente, ainda se apresenta em forma de um embrião, que mais tarde vai se tornar adulta. A pesquisa neotestamentária sobre a natureza e missão da Igreja leva o estudioso de volta ao Antigo Testamento, pois é lá que ele encontra os substratos para a Igreja. Cabem aqui quatro importantes constatações ao passo que se vai considerando o Novo Testamento.

1. Jesus explicou aos discípulos após a Sua ressurreição que as Escrituras (Lei/Profetas/Salmos) apontavam para Ele. Lucas, ainda registra que se pregasse a todas as nações, começando por Jerusalém (Lc 24.44-

- 47). Paulo, em defesa do Evangelho de Cristo, creditou seu ministério ao cumprimento da Lei e dos Profetas (At 24.14, 26.20-22; Ef 2.20). Ele se ocupou em pregar “todo o desígnio de Deus” (At 20.27).
2. Atos, como melhor texto de ligação entre Cristo e o Querigma, somente concebe a comunidade da fé (Igreja) unida entre Judeus e Gentios (2.39; cps 8 e 10, 11; 13.23-48; 15.7-19; 18.7-8; 21.20-25). Pedro, por Obra exclusiva de Deus, alcançou tal entendimento (3.11-26; capítulos 10 e 11), e era isto que todos deveriam entender na assembleia de Jerusalém (cap.15, especialmente vv. 9 e 14-18). É bem pertinente a observação trazida ao leitor do final do capítulo 4: gentios e judeus estão ambos comprometidos na morte do santo Servo Jesus (vv.27,28=2.23). Mas Deus justamente trouxe o Messias para desviar cada um dos dois grupos dos seus próprios males (isso segundo os profetas {VT}; 3.18-26).
 3. Em Atos também o tema Igreja está intimamente vinculado ao Reino de Deus e à pregação do Evangelho (guardadas as devidas proporções). Não há uma dialética entre as duas grandezas (19.8; 20.25; 28.31).
 4. Se Atos é a “ponte” entre o Evento/Cristo e a Proclamação dessa verdade a todos os povos, conforme “As Escrituras”, Hebreus (não diferente do resto do Novo Testamento) é a hermenêutica mais detalhada entre o Novo e Antigo Pacto. Jesus é a garantia de uma aliança melhor (7.22) e todos os que são do Seu sacerdócio são ministros do santuário e do verdadeiro tabernáculo de Deus (8.1,2; 9.11) Estes são “a casa de Israel” (8.8-12; 10.19-23). Em Cristo, seus seguidores já receberam um reino inabalável, essa é a maior justificativa para o cristão viver no temor de Deus (12.28). Todos os personagens do Antigo Pacto (da história de Israel), citados no capítulo 11, são apresentados na forma da promessa (o que ainda não podiam ver), mas agora com a realidade da Nova Aliança irrompeu o que 11.40 diz “...sem nós, eles não fossem aperfeiçoados”. “Os amados” são os que herdaram as promessas por meio da fé e da paciência (6.9,12). A escatologia bíblica estabelece íntima conexão entre os Dois Testamento, só assim pode-se entender a antinomia entre os textos acerca de Abraão no tocante à promessa. Em 6.15, ele já alcançou, no passado, mas, conforme 11.8 a 19 ele almejava “uma pátria melhor” a semelhança de todos os demais

heróis da fé.

O mais longe que se pode concluir, à luz desse estudo, é que na Palavra de Deus, em síntese, há uma só eclesiologia. Encontramos antes de Cristo, a Igreja na forma de Israel, depois de Cristo. Israel na forma da Igreja, tudo diretamente vinculado ao Reino de Deus, que em Efésios 5.5 é declarado. “... reino de Cristo e de Deus”. Em 1.23 a Igreja (Corpo de Cristo) é “... a plenitude daquele que preenche tudo em todas as coisas”.

É difícil afirmar que a Igreja de Cristo não fora prevista na ação salvífica de Deus, desde os primórdios. Louvado seja Deus.

REFERÊNCIAS

BIETENHAR, Hans. *Estrangeiro*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. Vol. 2, 560 p.

BIETENHAR, Hans. *Povo*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. Vol. 3, 812 p.

COENEN, Lothar. *Eleição*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. Vol. 2, 560 p.

COLE, R. Alan. **Êxodo**: introdução e comentário. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, s. d. 231 p.

CRABTREE, A. R. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. 310 p.

FÜGLISTER, Notker. *Eclesiologia bíblica*. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica**. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis: Vozes, 1975. Vol. IV/1, 190 p.

GELDENHUYS, Norval. **The gospel of Luke**: the new international

commentar on the New Testament. 12.ed. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1979. 685 p.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus**: introdução e comentário. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987. 263 p.

HARRIS, R. L. *Remanescente*. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 3, 674 p.

HARRIS, R. L. *Remanescente*. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 3, 674 p.

HILLYER, Norman. Tribo. In: BROWN. Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova. 1983. Vol. 4, 879 p.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980. 312 p.

KLAPPERT, B. *Rei*. In: BROWN. Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. Vol. 4, 879 p.

KÜNG, Hans. **A Igreja. Tradução de Madalena Gerbert e outros**. Lisboa: Moraes, 1969. Vol. 1, 380 p.

LELIEVRE, A. *Remanescente*. In: Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972. 355 p.

MARTIN, Ralph. **Adoração na igreja primitiva**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 165 p.

MARTIN, Ralph. *Efésios*. In: ALLEN. Clifton J. **Comentário bíblico Broadman. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. Vol. 11, 461 p.

MENOUD, Ph. H. *Igreja*. In: Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972. 355 p.

MICHAELI, F. *Israel*. In: Von ALLMEN, Jean-Jacques. **Vocabulário bíblico**. 2.ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 1972. 355 p.

MORRIS, Leon. **I Coríntios: introdução e comentário**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1981. 199 p.

MOTYER, J. A. *Davi*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981. Vol. 1, 708 p.

OMAN, John. *Church*. In: HASTINGS, James. **Encyclopaedia of religion and ethics**. 3.ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1953. Vol. 3.

RICHARDSON, Alan. **Introdução à teologia do Novo Testamento**. Tradução de Jaci Correia Maraschin. São Paulo: ASTE, 1966. 389 p.

RIDDERBOS, J. *Isaias: introdução e comentário*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986. 515 p.

ROTHENBERG, Friedrich Samuel. *Estrangeiro*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. Vol. 2, 560 p.

SCHULTZ, Helmuth. *Jerusalém*. In: BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. Vol. 2, 560 p.

SHELLEY, Bruce L. **A igreja**: o povo de Deus. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1984. 142 p.

STAGG, Frank. *Mateus*. In: ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Vol. 8, 484 p.

STAGG, Frank. **O livro de Atos dos Apóstolos**: os primeiros esforços em prol de um evangelho desimpedido. 2.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio do Janeiro: JUERP, 1982. 261 p.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982. 306 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional